

#cm

2

QUARTA E QUINTA

Autoridades emergentes dos EUA brilham no Festival do Cairo

PÁGINA 4



Grátis: Festival Negro é Lindo ocupa o Circo Voador

PÁGINA 5



Áurea Martins revisita a bossa preta de Johnny Alf

PÁGINA 6



Divulgação

Na caravana da alegria

Um inspirado Leandro Hassum está a frente do elenco de ‘Silvio Santos Vem Aí’, que estreia nesta quinta (20) nos cinemas

COM ESTREIA MARCADA PARA ESTA QUINTA-FEIRA (20), “Silvio Santos Vem Aí” traz Leandro Hassum no papel do maior comunicador do Brasil. Protagonizado por Hassum e por Manu Gavassi, o filme - que tem direção de Cris D’Amato e roteiro de Paulo Cursino - revela os bastidores do programa que o consagrou e acompanha Silvio Santos no momento em que decide se lançar como pré-candidato à Presidência da República, em 1989. O filme mergulha nos bastidores da TV, revelando o momento em que Silvio, aos 58 anos, precisou se dedicar à campanha eleitoral. A partir da relação entre ele e a publicitária Marília (Manu Gavassi), que investiga sua vida para construir a campanha e evitar surpresas de adversários políticos, o filme mostra um lado mais íntimo do apresentador, que sempre foi extremamente reservado fora dos estúdios. Em uma excelente fase do cinema brasileiro, esta é a grande aposta para lotar as salas de exibição brasileiras na reta final do ano. Nas páginas seguintes Paulo Cursino fala a Rodrigo Fonseca sobre o longa.

ENTREVISTA / PAULO CURSINO, ROTEIRISTA E CINEASTA

'Acredito, mesmo, que a solução está no brasileiro'

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

Quando o Correio da Manhã pisou no set de filmagem de "Silvio Santos Vem Aí", em São Paulo, no apagar das luzes de 2025, o nome que mais se mencionava era o de Paulo Cursino, roteista que virou sinônimo vivo de cinemas lotados. Leandro Hassum, que já filmou muito roteiro dele, disse que foi esse escriba das telas quem

primeiro sacou que o astro poderia viver o Homem do Carnê do Baú. "No cinema, o Paulo Cursino é a minha voz. Nossa parceria é grande e bonita. Um dia, lá em 2017, ele me disse que queria escrever a biografia do Silvio e pensava em mim para o papel. A minha reação foi: 'Você comeu cocô? Só pode'. Aí, nessa época, passei um período mal. Tinha acabado de emagrecer e achava que tinha perdido a graça. Nesse momento eu esbarrei com um grafite do Silvio Santos jovem e pensei: 'Tem semelhança'. O tempo passou e o projeto acabou rolando e veio de uma forma em que não consigo usar as cartas que tenho na manga. Não é um projeto meu. É um projeto em que brinco sem meus brinquedos habituais, num caminho de descoberta", diz o comediante, que pode emplacar a atuação mais primorosa de sua carreira nesse longa, que estreia na quinta com fome de multidões.

Seu foco é o curto período do ano de 1989 em que o apresentador do SBT viveu o sonho de concorrer à Presidência da República, num embate com Collor e Lula. Quem filma essa volta no tempo é Cris

D'Amato, diretora da franquia milionária "S.O.S. Mulheres ao Mar" (2014-15), que foi dragada pela força da escrita de Cursino ao dar um colorido leve ao histórico presidenciável de Senor Abravanel (1930-2024), nome real de Silvio, trazendo as figuras míticas de seus programas para a telonas numa produção da Paris Entretenimento.

"Não é um filme político, mas, sim, um filme de homenagem, que capta a essência do Silvio", diz a diretora, ciente de que pouca gente no país sabe escrever o brasileiro do jeito que o brasileiro gosta, para rir, fazer catarses e pensar.

Ao lado de neochanchadas sem medo algum de serem felizes (e de lucrarem alto), como "Os Farofeiros", a pena de Cursino deu ao país sátiras políticas ("O Candidato Honesto"), um estudo sobre maternidade ("Fala Sêrio, Mãe"), o mais bem-sucedido (e lúdico) longa nacional sobre o Papai Noel ("Tudo Bem No Natal Que Vem") e o biopic do Trapalhão que virou um signo da luta antirracista e venceu Gramado em seu engajamento ("Mussum, O Filmi"). Agora é a vez do Silvio.

Autor da terceira parte da franquia "Os Farofeiros", já em filmagem, Cursino - que tem parcerias fiéis com Hassum; Maurício Manfrini, o Paulinho Gogó; e o diretor Roberto Santucci - antecipa neste papo com o Correio da Manhã o que nosso circuito pode esperar de "Silvio Santos Vem Aí". Com três décadas de carreira no audiovisual, esse paulista de Taubaté, hoje com 56 anos de idade, já levou cerca de 35 milhões de espectadores aos complexos exibidores do país - e esses números só aumentam. Também produtor, há de dirigir já, já. Confirma na entrevista a seguir o olhar crítico dele sobre nossa cultura cinéfila.

O que o Silvio Santos representou para a sua formação de olhar como telespectador?

Paulo Cursino - É muito difícil especificar isso. Eu faço parte de uma geração que nasceu com o Silvio já consolidado. Ele já era conhecido por todos os brasileiros. Eu realmente não tenho idéia de qual foi seu auge, seu clímax, e nem sei dizer se houve uma decadência. Acho que nem o público. Ele fazia parte da paisagem da nossa cultura. Quando lembro de Silvio, lembro da minha infância,

dos meus avós, dos meus primos, de gincanas depois do frango com macarrão do almoço de domingo. Ele trouxe para mim a idéia de um Brasil mais leve, mais bem-humorado, mais unido, e isso ajudou a formar o modo como vejo o público brasileiro até hoje. Eu nunca dividi o público dos meus filmes na minha cabeça. Nunca pensei "esse filme é mais para o Nordeste" ou "este é para o Sudeste", ou "essa piada não vai funcionar no Rio Grande do Sul". Nunca fiz isso. E Silvio também não, seu programa era o mesmo para

Silvio Santos que ninguém nunca viu". Não. Minha idéia sempre foi mostrar o Silvio Santos que todo mundo já viu e aprendeu a amar. Tanto que 80% das cenas dele se passam no palco. A famosa analogia do por-do-sol funciona aqui: não existe espetáculo mais bonito, mas quantas vezes paramos para ver e valorizar este por do sol como se deve? O filme tem essa proposta, de olhar para o Silvio e seu programa como se deve. Havia riqueza naquilo que ele fazia, havia detalhes, competência, talento, vai além do entretenimento. O que fiz foi colocar uma lupa sobre o Silvio que amamos, sobre o que todo mundo viu, e não sobre o que ninguém viu.

O que essa fase atual sua de biografias tem revelado de interessante, a começar pelo longa sobre Mussum?

O mais interessante foi perceber que muita gente enxerga em mim um autor contraditório, e às vezes tenho explicar que não é nada disso. Quando escrevi "O Candidato Honesto", muitos vieram me perguntar o que eu tinha contra o país, porque o filme demolia nossa política. E eu sempre respondia que não tenho nada contra o Brasil, mas que apontar defeitos, fazer críticas, é um função da arte, ainda mais comédia. Esta percepção de que eu não gosto do Brasil, que meus filmes eram "americanizados", sempre me incomodou, porque não é verdade. Acho que, de certa forma, sem querer, sem ter planejado isto, estou tentando refutar essa visão falando de brasileiros notáveis, como foi o Mussum e agora com Silvio Santos. Fui chamado a colaborar até mesmo no filme do Mauricio de Sousa. Claro que isso advém da minha forma de enxergar política e sociedade. Sim, o Brasil como país é complexo, complicado, difícil,

o Brasil inteiro. Ele realmente criava e produzia para o país, não para um nicho. Acho engraçado a academia e a crítica brasileira terem se esforçado por décadas em busca da nossa "identidade única". Se tivessem começado a procurar pela televisão, teriam a resposta logo de cara.

O quanto desse Silvio da sua formação está no filme?

Ele está todo lá. Eu não queria escrever um filme que trouxesse apenas "um lado de



“Ele (Silvio) trouxe para mim a idéia de um Brasil mais leve, mais bem-humorado, mais unido, e isso ajudou a formar o modo como vejo o público brasileiro até hoje”

inseguro, e merece todas as críticas. Mas acredito, mesmo, que a solução está no brasileiro, no indivíduo, em pessoas que encontraram seus caminhos e acharam suas próprias soluções, e que podem, sim, servir de exemplo para nós. Ao contrário do que pode parecer, não é contraditório, uma coisa não anula a outra, elas se complementam.

Você dispara como o roteirista que

mais contabiliza milhões em nosso cinema... e, arrisco, também em nosso streaming, vide o êxito mundial, via Netflix, de “Tudo Bem No Natal Que Vem”. Como se cria pontes diretas entre a dramaturgia e a audiência nacional?

Engraçado que estou voltando de um evento de cinema neste momento, a MAX de Minas Gerais, onde todos me faziam a mesma pergunta. Os painéis eram sobre como

atingir mais público. Eu sempre digo que não há fórmulas. Eu tenho muitos sucessos, mas já fracassei algumas vezes também, o que é natural, ainda mais em trinta anos de carreira. Não há fórmulas, mas há formas de desenvolver a sua percepção e capacidade de observação. Antes de falar com o Brasil, ou com qualquer público, é preciso primeiro ouvir o Brasil, ouvir este público. O problema é que 80% da classe cinematográfica brasileira não gosta do público brasileiro, não quer ouvir o público. Então o diálogo não ocorre e fica difícil construir pontes sem diálogos.

Qual foi o filme que te fez amar o cinema? Qual foi o filme que te fez querer escrever cinema? Qual filme te acalanta nas horas de pressão? Qual filme te conforta nas horas de dúvida?

Não consigo especificar mais isso, pois as lembranças se misturam muito. O primeiro filme que vi no cinema quando bem garoto

foi “Digby, o maior cão do mundo”, e lembro que me diverti horrores. Minha mãe não me aguentava mais ouvir falar do filme. Fiquei louco por cinema depois dele. Acho que o filme que me fez querer escrever para cinema foi “O Clube dos Cinco”, do John Hughes. Nem gosto tanto do filme assim, mas lembro que foi a primeira vez que olhei pra tela do cinema e pensei: “eu consigo fazer isso”. Tenho alguns filmes que me acalantam em momentos difíceis. Um deles é “Primavera, verão, outono, inverno, e... primavera”, do Kim Ki-Duk. Um que entrou recentemente para esta lista foi “Questão de Tempo” do Richard Curtis. A trilha sonora desse filme sempre me emociona. E quando fico em dúvida de algo, principalmente profissional, revejo algum do Billy Wilder. Era impressionante como ele fazia tudo parecer fácil. Eu saio dos filmes dele ainda com dúvidas, claro, mas com a maravilhosa sensação de que as respostas chegarão a tempo. Para mim basta.



Outros lados da América

Dramas existenciais com estrelas famintas pelo Oscar, um curta pop e um thriller nas raias do assombro levam uma safra sólida de produções dos EUA ao maior festival do Egito

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

A pesar da cruzada contra Donald Trump que serve de tônica à cada debate e à cada conversa de corredor no 46º Festival do Cairo, há espaço para o cinema dos Estados Unidos no evento egípcio, mas, em respeito ao crivo curatorial do diretor artístico Mohamed Tarek, só recebem o visto - ou seja, livre passagem por suas telas - as expressões autocríticas da Américas. A mais badalada delas, do início da maratona cinéfila do Egito até agora, é o belo “Reconstrução” (“Rebuilding”), do realizador Max Walker-Silverman.

Passado num cenário rural, no Colorado natal de seu diretor, esse drama ergue suas vigas a partir do ator Josh O’Connor, a nova coqueluche do cinema independente, que tanto brilhou para Alba Rohrwacher



Divulgação

(“La Chimera”) como no (pavoroso) “The Mastermind”, de Kelly Reichardt, hoje em cartaz. É ele quem vai estrelar o novo Spielberg, previsto para 2026, que trata de contatos imediatos com ETs. De palavreado ralo e raro, mas de múltiplas expressões que espelham um permanente tumulto interno (e até vergonha), O’Connor é Dusty, um cowboy que carrega um fardo de perda. Seu rancho foi destruído por um incêndio devastador e tudo o que os seus parentes construíram e adquiriram foi reduzido a cinzas. Enviado para uma zona de trailers improvisado num acampamento da FEMA (Agência Federal de Gestão de Emergências), esse tímido anti-herói encontra uma nova comunidade para recomençar e reconstruir a sua vida e sua história, tentando manter ligação com a filha,

Reconstrução tem Josh O’Connor, coqueluche hollywoodiana, a frente de seu elenco

ainda criança, que vive com a ex-mulher na região. Uma trilha sonora de rasgar o peito, pautada pela guitarra acústica de Jake Xerxes Fussell e James Elkington, ampara a angústia que esse filme filtra, num exercício comovente de transcendência.

Egresso dos festivais de Tribeca e de Locarno, o drama sobre populações sino-americanas chamado “A Mãe Obsessiva”

(“Rosemead”) repetiu na pátria dos faraós o efeito encantatório que teve noutras nações, colocando plateias do mundo todo de joelhos, a reverenciar a estonteante atuação de Lucy Liu. Impõe-se como um ímã de

prêmios agora que a temporada do Oscar de 2026 está às vésperas de começar. No fim de semana passado, a produção fez do Cairo um trampolim para mergulhar no afeto da Academia de Hollywood. O roteiro (muito bem) filmado por Eric Lin segue os rastros de Irene (Liu), imigrante chinesa com doença terminal que descobre a perturbadora fixação de seu filho adolescente, Joe (Lawrence Shou), por tiroteios em massa. À medida que sua saúde se deteriora, ela toma medidas cada vez mais desesperadas - e moralmente complexas - para protegê-lo e enfrentar as trevas que o atraem.

A safra estadunidense do Cairo bate ponto também em veredas competitivas, na disputa de curtas, numa coprodução com a França chamada “Wassupkaylee”, de Pepi Ginsberg. O enredo retrata perrengues de uma jovem influencer.

Numa outra - e sombria - latitude da praia de longas, a seção Midnight, voltada para thrillers com o Capeta nos fotogramas, o cinema inde norte-americano se sai bem com “Hellcat”, de Brock Bodell. Nele, somos levados a um terreno baldio no meio do nada, no meio da noite, e vemos Lena (papel de Dakota Gorman) acordar. Presa dentro de um trailer em movimento, ela está tonta e não sabe como chegou lá nem como conseguiu aquele ferimento misterioso. A voz de um estranho chamado Clive (Todd Terry) diz à moça que ela foi infectada e que ele a levará para ver um especialista chamado Dr. Janekowski, que poderá ajudá-la — desde que ela fique calma e dentro do trailer. É claro que Lena não confia nesse homem e tenta fugir, mas ele faz o possível para que ela entenda que está ali para ajudá-la. Clive pode parecer louco, mas não é um monstro. Ele conversa com Lena sobre sua vida, sobre as escolhas que fez e suas crenças no desconhecido.

O Festival do Cairo chega ao fim nesta sexta-feira.

Carmen Maura à beira de um ataque de glória



Divulgação

Carmen Maura cintila seu talento em ‘Calle Málaga’

Preparando-se para estrelar um thriller do divo ibérico da bizarrice Aléx De La Iglesia, a madrilenha María del Carmen García Maura chegou aos 80 anos em setembro em processo de renovação de prestígio. No mesmo fim de semana em que venceu o Festival de Mar Del Plata, em solo argentino, vindo de sessões cheias de fervor em Veneza e Toronto, “Calle Málaga”, o novo trabalho da atriz, pôs a 46ª edição da maratona cinéfila do Egito de joelhos. Há um ar de “já ganhou!” por trazer esse drama romântico candidato à Pirâmide

de Ouro. Maryam Touzani, a cineasta marroquina por trás dos premiados “Blue Caftan”, de 2022, e “Adam”, de 2019, é quem assina a realização, extraindo uma estonteante atuação da musa de Almodóvar nos anos 1980.

“Gosto de fabuladores. Quando eu tinha uns 20 e poucos anos, trabalhava como galerista, dividindo meu tempo entre a galeria e meus compromissos como mãe. Aí fui a um evento no Ateneu de Madri e acabei participando de uma leitura. Tinha um crítico bastante famoso e temido lá, Alfredo Marquerie,

que me viu e me procurou pra dizer que eu tinha talento. Ele sugeriu que eu me dedicasse integralmente a atuar. Saí dali mordida e acabei me matriculando no Teatro Universitário, para desgosto do meu marido, que não gostou da minha escolha. Meus pais gostaram menos ainda. Quando me profissionalizei, passei a ser tratada nas festas de família como uma pessoa doente”, contou a diva ao Correio em passagem pela Espanha, quando “Calle Málaga” era ainda apenas uma (boa) ideia. (R. F.)

Festival gratuito no Circo Voador reúne samba, jazz, ballroom e debates para celebrar beleza negra como força política e cultural no Dia da Consciência Negra



Areninha da Maré/Divulgação

Ballroom

Uma lona aquilombada

Por Affonso Nunes

O Circo Voador se transforma em quilombo urbano nesta quinta-feira (20) para receber a primeira edição do Negro é Lindo Festival, que propõe uma maratona de 10 horas ininterruptas celebrando a cultura negra brasileira em múltiplas linguagens artísticas. O evento busca articular pensamento crítico, expressão artística e acolhimento comunitário num mesmo espaço de convivência.

A programação se estende das 15h à 1h da madrugada e transita entre capoeira angola, rodas de conversa sobre educação afro-brasileira, acolhimento psicológico facilitado por profissionais negras, performances de ballroom, shows de samba e jazz, além de festa que promete ocupar a pista até o encerramento. “Dizer ‘Negro é Lindo’ não é um gesto estético vazio. É um contragolpe à cultura racista velada que insiste em apagar nossa beleza, nossa inteligência e nossa centralidade na história do Brasil. O festival parte da ideia de que celebrar e pensar não são dimensões opostas, mas formas complementares de afirmar a vida negra no Brasil”, afirma Érika Lopes, produtora cultural, psicóloga e diretora da Ameiricana Produções, idealizadora do evento.

A abertura acontece com a Capoeira Angola Aluandê, que firma o terreiro simbólico do evento antes da aula pública “A beleza é política”, conduzida por Débora Simões e



Divulgação

Ana Paula Cruz

Hildeberto Vieira Martins. A atividade se propõe a discutir como a experiência negra opera na construção de futuros democráticos e na desconstrução do mito da democracia racial brasileira. Na sequência, a roda de conversa “Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros” traz Gisele Rose e André Lemos para refletir sobre ancestralidade e práticas educativas inspiradas no legado da educadora Azoilda Loretto da Trindade.

Entre as propostas que distinguem o



Magrão/Divulgação

Josiel Konrad

festival está a Roda de Acolhimento com psicólogas negras, que oferece um espaço de escuta e partilha em formato comunitário e não clínico. A iniciativa reforça a dimensão do cuidado como prática política, criando um ambiente protegido para elaboração afetiva do que emerge nos debates e vivências do dia. Paralelamente às atividades programadas, uma feira de economia preta circula pelo espaço durante toda a tarde e início da noite, reunindo expositores de gastronomia, moda,



Maiko Lima/Divulgação

Ster

artesanato e design autoral. A mostra de artes visuais com curadoria da Galeria Ocupá completa a ocupação do Circo Voador, destacando artistas negros e afro-diaspóricos que investigam memória, afeto e território.

A programação musical tem início a partir das 18h, quando o DJ Ademarley abre a pista com repertório afrodiaspórico. Uma hora depois, Marcelinho Moreira e o Canto do Batuqueiro trazem a tradição da roda de samba carioca. Às 21h, o trombonista Josiel Konrad, referência da cena instrumental carioca, apresenta seu jazz fenkeado com as participações especiais de Ana Paula Cruz e Ster. A performance do Ballroom Casa de Laffond, marcada para 22h30, promete levar à pista a estética voguing e a cultura ballroom que se consolidou como linguagem artística e política nas comunidades LGBTQIA+ negras. O encerramento fica por conta da Festa Mariwô, que comanda a celebração final entre 23h40 e 1h. Toda a condução do evento será realizada por Carol Dallfarra, slamer e poetisa que vem se destacando na cena artística carioca.

SERVIÇO

NEGRO É LINDO FESTIVAL

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa) 20/11, das 15h a 1h

Ingressos gratuitos com retirada antecipada em www.sympla.com.br/evento/negro-e-lindo-festival/3147599

A bossa preta de Johnny Alf

Áurea Martins celebra a genialidade do cantor e compositor nesta quinta no Blue Note Rio

Por Affonso Nunes

Quando Johnny Alf começou a tocar piano nas boates cariocas dos anos 1940, poucos imaginavam que aquele jovem negro estava revolucionando a música brasileira. Ao incorporar as harmonias complexas do jazz americano à levada sincopada do samba, o pianista e compositor pavimentou o caminho para o que, anos depois, se consolidaria como bossa nova. Sua influência foi tão profunda que Tom Jobim e João Gilberto reconheciam nele um precursor essencial

do movimento que conquistaria o mundo. Nesta quinta-feira (20), Dia da Consciência Negra, a cantora Áurea Martins sobe ao palco do Blue Note Rio para celebrar o legado desse mestre.

Mais que intérprete da obra de Alf, Áurea Martins foi amiga do músico e uma de suas cantoras prediletas. O repertório da noite passeia pelas composições mais emblemáticas de Alf, canções que destilam a sofisticação harmônica e a poesia contida que marcaram sua trajetória: “Céu e Mar”, “Eu e a Brisa”, “Ilusão à Toa”, “Nós”, “Disa”, “Rapaz de Bem” e “O que é Amar”.

Johnny Alf, nome artístico de Alfredo José da Silva, faleceu em março de 2010, deixando um catálogo de mais de oitenta composições gravadas por artistas como Caetano Veloso, Chico Buarque e Elis Regina. Negro e homossexual numa época em que ambas as condições impunham barreiras quase intransponíveis na indústria musical, Alf manteve-se fiel à sua música durante seis décadas de carreira, mesmo permanecendo menos conhecido internacionalmente que outros ícones da bossa nova. Seu estilo discreto e sua personalidade reservada contrastavam com a ousadia de suas inovações musicais, que com-

binavam acordes inesperados com melodias de simplicidade enganosa.

Na mesma noite, às 22h30, o Blue Note Rio recebe ainda o Soul Train Experience, projeto do trombonista Joabe Reis e DeJaVu Session que recria o clima do lendário programa televisivo americano, com clássicos de Aretha Franklin, James Brown e Stevie Wonder.

SERVIÇO

ÁUREA MARTINS CANTA JOHNNY ALF

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana) | 20/11, às 20h
Ingressos a partir de R\$ 60

Um banho de afetos e ancestralidade

Cantora e educadora musical Ana Bispo apresenta repertório que atravessa samba, ritmos baianos e pontos de orixás

A cantora e educadora musical Ana Bispo sobe ao palco do Teatro Rival Petrobras nesta quarta-feira (19), véspera do Dia da Consciência Negra, para apresentar o espetáculo

“Te Amos”, show que celebra a cultura afro-brasileira pelas distintas latitudes do amor — familiar, romântico, fraterno, espiritual e, sobretudo, o amor à ancestralidade.

Ana Bispo construiu sua trajetória musical entre rodas de samba e espaços de resistência cultural. Além de cantora, atua como musicoterapeuta e educadora, experiências que alimentam sua presença de palco e a forma como se relaciona com o público. Em “Te Amos”, ela revisita esse percurso através de um repertório que abrange samba de roda, samba

Divulgação



Ana Bispo canta as diversas formas de amor em seu novo show

reggae, pagodão baiano, afro-sambas e pontos dedicados aos orixás.

O espetáculo mergulha nas raízes culturais negras do Brasil, costurando gêneros musicais que carregam histórias de resistência e celebração. Ana interpreta clássicos do samba ao lado de composições autorais. “Te Amos” é um espetáculo cheio de corpo, axé e afeto — uma celebração da vida, da música e da potência negra”, define a própria cantora, que terá como convidado o grupo Yabás do Orúnmilá. (A. N.)

SERVIÇO

ANA BISPO - ‘TE AMOS’

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33, Cinelândia) | 19/11, às 19h30
Ingressos a partir de R\$ 45

Divulgação

Uma busca do próprio lugar

Felipe F. lança álbum de estreia que transita entre o samba e o synthpop

Por **Pedro Sobreiro**

O cantor e compositor Felipe F. lança oficialmente “Dois”, seu álbum de estreia, nesta quarta-feira (19), no Manouche. O espetáculo é fruto de apresentações intimistas no Indecente Café, em Santa Teresa, durante o mês de setembro. Tudo para amadurecer as canções que, até então, existiam apenas em estúdio. Esses “shows em processo”, como define, serviram de preparação para o grande encontro com o público, que contará com as participações especiais de Moreno Veloso e Ludom. Para Felipe, o lançamento de um disco representou um aprendizado sobre sua identidade artística. “Até então, na minha carreira, eu estive sempre envolvido no processo até o lançamento. Produzindo, tocando. Então,

aprender a entender meu lugar como artista, achar uma voz, uma identidade, tem sido um processo bonito”, revela. Ele reconhece que não havia uma estratégia muito definida em fazer shows menores antes do lançamento oficial, mas a escolha se mostrou acertada: “acabou sendo uma excelente situação para me apoderar das minhas próprias canções”. A escolha do nome “Dois” para um primeiro álbum carrega uma ironia proposital. As músicas foram compostas a partir de duas relações amorosas vividas pelo artista, e ele confessa que “essa pequena confusão me agrada”. O disco se destaca pela versatilidade musical, transitando entre gêneros sem compromisso com rótulos. “Eu escuto uma diversidade colossal de gêneros musicais e isso acaba, naturalmente, transparecendo nas minhas composições”, explica Felipe, que no mesmo dia pode ouvir sambas-canção antigos brasileiros e synthpop norueguês. Essa diversidade é explícita em “Samba Elegia”, faixa que o artista destaca como síntese de sua proposta. A canção mescla a tra-



SERVIÇO
FELIPE F. - DOIS
Manouche (Rua Jardim Botânico, 983)
19/11, às 20h30
Ingressos: R\$ 160 e R\$ 80 (meia solidária, mediante 1kg de alimento não-perecível ou livro)

Felipe F. diz escutar de tudo, o que se reflete em seu processo criativo

dição do samba com beats eletrônicos e guitarras distorcidas, criando uma sonoridade agressiva sem perder a doçura melódica. “Botei beats eletrônicos, guitarras distorcidas. Mas sem subverter ao ponto de não se reconhecer que é um samba”, define. A letra ácida completa a tensão entre forma e conteúdo. Após o show no Manouche, o artista planeja se dedicar às composições que ficaram de lado durante o processo de divulgação, já maquinando um segundo álbum. Será que se chamará “Três”?

ROTEIRO MUSICAL

P O R A F F O N S O N U N E S

Fernanda Assis/Divulgação

Divulgação

Divulgação

Larissa Vasco/Divulgação



Neto da bossa

Theo Bial apresenta “Neo-Bossa” nesta quinta (20), às 20h, na Casa Horto pocket-show com clássicos de Dorival Caymmi, Paulinho da Viola, Chico Buarque e Tom Jobim, além de composições próprias. A formação inclui violão, bateria, percussão e flauta. O repertório transita entre bossa nova e samba.

Paixão por Gal

Grazi Vilanueva apresenta “Eternamente Gal” nesta quarta (19), às 19h, no Blue Note Rio. Com 30 anos de carreira, a cantora homenageia Gal Costa desde 2016. Seu repertório transita entre jazz e frevo. Grazi iniciou na música ainda criança e participou do The Voice Brasil em 2023.

Madureira negra

O Viaduto de Madureira recebe de quinta a sábado (20 a 22) o 4º Festival Madureira. A programação gratuita inclui Awuré (foto), Roda de Jongo da Serrinha, Bateria do Império Serrano, Agbara Dudu e Baile Charme. O evento acontece em paralelo à Feira Literária das Periferias, com atividades integradas.

Roda especial

O Samba Independente dos Bons Costumes (foto) realiza edição especial nesta quinta (20), Dia da Consciência Negra, na Fundação Progresso. A programação inclui DJ Gab, do Viaduto de Madureira, e Roda de Capoeira Aluandê com Mestre Célio. O SIBC se apresenta às 22h30 no Palco São Sebastião.

Nina Pires/Divulgação



'Pelada' venceu vários prêmios, consolidando-se como marco de representatividade LGBTQIAPN+ na cena teatral

Preconceitos embaralhados

Comédia premiada sobre disputa em torno de uma campo de futebol celebra cultura suburbana carioca e questiona preconceitos com irreverência

Nesta quinta-feira (20), Dia da Consciência Negra, o Teatro Gláucio Gill apresenta "Pelada - A Hora da Gaymada", comédia que transforma um campinho de futebol no subúrbio carioca em metáfora para discutir masculinidade, preconceito e resistência. Escrita por Eudes Veloso e dirigida por Orlando Caldeira, a peça integra o Festival To-

dos no TGG - 30 Espetáculos em 30 dias que celebra os 60 anos do teatro em Copacabana.

A narrativa desta montagem que acumula prêmios significativos gira em torno da disputa entre dois times pelo uso do "Campo do Furão", em Olaria. De um lado, jogadores de futebol que apresentam convencionalmente como héteros. Do outro, integrantes da "Gaymada" — jogadores de queimada que

se identificam como homens gays que reivindicam o espaço e sua identidade sem concessões. Ao invés de apresentar vilões e heróis, o texto embaralha preconceitos, afetos, solidariedades e rivalidades comuns a qualquer disputa territorial no subúrbio de uma cidade como o Rio.

A ideia para o espetáculo surgiu durante a pandemia, inicialmente como produção audiovisual. Segundo Orlando Caldeira em entrevista ao Queer.IG, a proposta era "trazer narrativas do subúrbio carioca por meio do humor, destacando a cultura periférica e a comunidade LGBTQIAPN+", utilizando o riso para criticar a heterossexualidade imposta pela sociedade.

O Complexo Negra Palavra consolidou-se como importante

voz de representatividade no teatro brasileiro contemporâneo. "Pelada" marca primeira investigação do grupo sobre comicidade própria, resultado de pesquisa que resgata tradições cariocas de rua enquanto constrói crítica social afiada.

O elenco reúne Adriano Torres, Aleh Silva, Djeferson Mendes, Digão Ribeiro, Eudes Veloso, Guilherme Canellas, Ipojucan, Lucas Sampaio, Raphael Elias e Rodrigo Átila — artistas que brincam com estereótipos não para reafirmá-los, mas para revelar o ridículo de certas atitudes.

A dramaturgia se distingue pela precisão linguística. Sem cair em grosseria, utiliza linguagem cotidiana ouvida em ônibus, trens, ruas — aquela mesma que marca encontros entre diferentes pessoas

na cidade.

Visualmente, o espetáculo combina teatro, circo e elementos musicais. Os figurinos reafirmam essa abordagem: jogadores de futebol vestem camisas velhas, desconstruídas. Os da gaymada usam roupas que remetem feminilidade — quase um "bloco de sujo" —, tornando visível a reconfiguração das identidades em disputa. A direção de movimento de Caldeira marca diferenças entre os times através do corpo, da gestualidade, do espaço ocupado.

A trilha sonora, criada por Muato com direção musical e percussão corporal, conquistou o Prêmio Shell de Teatro/RJ 2024. "A gente tem muita afinidade de linguagem teatral. Os caras têm uma execução muito precisa do trabalho de percussão corporal, são todos muito talentosos, eles me ajudaram muito a botar essas ideias todas em prática ao longo desse tempo. Além disso, foi o segundo trabalho em parceria com o diretor Orlando Caldeira, o que também ajudou muito na fluência dos ensaios", contou Muato em entrevista ao Correio em fevereiro de 2024.

O espetáculo também venceu os Prêmios do Humor nas categorias Melhor Texto (Eudes Veloso), Melhor Direção (Orlando Caldeira) e Melhor Espetáculo.

Um minidocumentário exibido no intervalo mapeia situações como amizade de colégio, aceitação de homossexuais, figuras de vizinhos, casarões de subúrbio, o sempre presente churrasquinho como símbolo de união e festa, recuperando o melhor das tradições suburbanas e verdadeira alma carioca.

A crítica especializada celebrou como "Pelada" brinca com preconceitos sem ridicularizar, transformando a quadra em espaço onde respeito, diversidade e resistência encontram expressão física.

SERVIÇO

PELADA - A HORA DA GAYMADA

Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº, Copacabana)

20/11, ÀS 20h

Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)